

A música nos anos iniciais: pesquisa-formação de uma professora pedagoga

Comunicação

Najla Hachem
Universidade de Brasília
najlahachem@gmail.com

Resumo: Esta comunicação apresenta os primeiros passos da pesquisa de Mestrado Profissional iniciada no primeiro semestre de 2023, o qual busca olhar, a partir da minha prática em sala de aula, para a questão da formação do pedagogo em relação ao seu trabalho com o componente curricular artístico - música. A principal questão desta pesquisa considera – a partir do meu lugar de pedagoga e atuando como professora dos anos iniciais do ensino fundamental –, além da bagagem que adquiri ao longo da minha trajetória pessoal e profissional em relação à educação musical, uma busca na literatura a fim de estabelecer um diálogo e perceber como ela pode respaldar a minha formação-ação em sala de aula ou ainda compreender como a literatura tem contribuído com as práticas musicais de pedagogos que atuam nos anos iniciais. Os objetivos deste escrito são apresentar esses passos preliminares, que serão pautados na pesquisa-formação e na abordagem narrativa de pesquisa (auto)biográfica, a fim de compreender como a pesquisa-formação tem se revelado na prática em sala de aula; construir uma proposta pedagógico-musical a partir desta formação com autores da área; e destacar as mudanças nas/das práticas a partir da pesquisa-formação.

Palavras-chave: Pedagogia. Música nos anos iniciais. Pesquisa-formação.

Introdução

Com o interesse e conhecimento musical que venho somando ao longo da vida e da minha trajetória profissional como docente, percebo que para além das práticas que tenho vivido e possibilitado para as turmas que por mim passam, me falta uma base mais consistente para me mover neste campo. Por isso, busco agora, através do contato com a literatura e com os trabalhos produzidos nos meios científicos, perceber como abordam sobre as práticas com a educação musical e como eles podem respaldar a minha formação-ação em sala de aula ou ainda compreender como a literatura tem contribuído com as práticas musicais de pedagogos que atuam nos anos iniciais. Objetivo que esta busca se represente como uma formação reflexiva que não procura uma receita de como fazer, mas que me toque e me transforme na minha relação profissional com a educação musical e me forme neste processo.

Para chegar à questão de pesquisa e objetivos do estudo que se propõe, algumas reflexões foram primordiais, começando pela formação inicial do professor pedagogo em relação à Arte em suas linguagens como o teatro, dança, música ou artes visuais. Isso porque ao chegar na sala de aula, o professor se depara com a responsabilidade de ministrar estes conteúdos que estão previstos nos documentos norteadores da Educação Básica, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo em Movimento do Distrito Federal, mesmo que este componente seja tratado de forma insuficiente no curso de pedagogia.

Ao pensar nessa formação inicial embrionária nas linguagens artísticas, percebo a importância de buscar uma formação continuada e o peso que a história de vida de cada professor terá em sua trajetória pedagógica, elementos que possivelmente terão algum impacto no seu papel de formador. Figueiredo (2017), chama a atenção para esta questão, ainda mais visto que esta formação subsequente depende de iniciativa, interesse, condições e disponibilidade do sujeito e até da instituição a qual ele está vinculado.

O interesse pelo tema surge, então, a partir da necessidade de perceber minha prática docente em relação à música e da vontade de me formar e me (trans)formar para aprimorar meu trabalho pensando nos estudantes que estão se formando comigo.

A partir das questões iniciais problematizadoras, pretendo fazer um diálogo com a literatura a fim de perceber como ela pode respaldar a minha formação-ação em sala de aula ou ainda compreender como a literatura tem contribuído com as práticas musicais de pedagogos que atuam nos anos iniciais.

Acredito na relevância do presente estudo visto que alguns professores encontrarão aqui além de angústias e pensamentos familiares, reflexões e apontamentos sobre a importância do conhecimento musical e sua presença na escola do ensino fundamental para professores pedagogos.

Desta forma, serão apresentados nos tópicos a seguir, aspectos da minha relação com a música e interesse pela área, pontos e caminhos da revisão de literatura e a metodologia de pesquisa proposta para o estudo, que até o presente momento é a pesquisa-formação, relacionada com a pesquisa (auto)biográfica.

Ao final do estudo, desejo fazer um memorial formativo com a literatura no campo da educação musical, considerando não apenas a bagagem que tenho até aqui – o meu

conhecimento, interesse e práticas na área musical ao longo da vida, assim como minha formação na educação e nos cursos subsequentes no decorrer da minha trajetória docente, incluindo este programa de mestrado profissional – mas o estímulo de conhecer e pensar sobre as práticas musicais para os anos iniciais do Ensino Fundamental através da literatura e como esta me forma neste processo. Objetivo mostrar, com isso, como esta pesquisa-formação tem se revelado na prática em sala de aula, além de construir uma proposta pedagógico-musical a partir desta formação com autores da área e destacar as mudanças nas/das práticas a partir da pesquisa-formação.

Um caminho a seguir...

Partindo, então, desta problematização inicial que diz respeito à realidade de muitos professores pedagogos e que, neste estudo, irá se pautar em relação à música nos anos iniciais do ensino fundamental, leva-me a pensar em meu lugar de ação. Hoje, sou pedagoga de formação e atuo como professora nos anos iniciais do ensino fundamental, mas trabalhei a maior parte da minha experiência docente com a educação infantil. Podemos imaginar que ambas as esferas comportam – ou deveriam comportar – um espaço primordial para a música.

Mas em que momento o meu interesse se volta para a música, na minha prática, na minha vida pessoal e até na procura de um programa de mestrado nesta área? Ou ainda, em que momento sinto a necessidade de pensar mais a fundo o meu exercício e a relevância da música para a formação dos estudantes?

É claro que algo me chama a atenção na música antes da minha formação e do meu trabalho em sala de aula. Algumas memórias da minha infância, família e vida vão surgindo... Venho de uma família toda de origem ou ascendência libanesa. Nasci e fui criada no Brasil, mas ainda mantendo forte as referências desta cultura em razão da minha família, portanto, não é impossível imaginar que a música me chamou a atenção de uma forma diferente desde muito pequena. Eu só via e ouvia essas referências no meu ambiente familiar, quase ninguém ao meu redor conhecia aquilo, eu me sentia diferente pelo tanto de peculiaridades que aconteciam no meu meio. Dessas memórias, os timbres únicos e marcantes da música árabe em casa, nos trajetos feitos de carro, nas reuniões familiares e festas. Suas danças, reflexos, sensações e sentimentos. Música também é isso. Faz tocar, sentir e faz marcar.

Em meu primeiro contato, logo após me formar, com uma turma de berçário I, cheia de entusiasmo para perceber nesta vivência como se dá o desenvolvimento infantil, tive uma experiência que me marcou neste caminho musical. Lembro-me claramente daquele momento de adaptação e acolhimento dos bebês entre três e nove meses, em que todos ou quase todos choravam ao mesmo tempo pelo ambiente e pessoas nada familiares, logo, o estranhamento. Eu estava só, sem saber o que fazer para acalmar e acalantar aqueles pequenos seres. Foi então que comecei a cantar “a dona aranha subiu pela parede...” e como em um passe de magia, a troca do choro pelo silêncio e olhares atentos. Esqueci o restante da música e logo o murmúrio recomeçou. Minha primeira lição no meu primeiro dia com os bebês foi: a música tem poder. Desde então, como em um primeiro contato de confiança, priorizei utilizá-la em minha prática pedagógica, desenvolvendo planejamentos e projetos que contemplem a musicalidade.

A minha formação musical vem mais especificamente da formação continuada após o término da faculdade e no decorrer da minha atuação docente, incluindo a aprendizagem de um instrumento musical, o violão. Soma-se a este interesse o surgimento da necessidade de perceber minha prática docente em relação à música e da vontade de me formar musicalmente para enriquecer meu trabalho e fortalecer os possíveis impactos que ele terá na formação e vida dos estudantes que passam por mim durante a sua escolarização nessa etapa inicial do EF.

No dia a dia, independente da escola ou turma em que me encontro, consigo perceber o impacto que a música tem nos estudantes, desde o encantamento, o interesse, a participação, a calma ou o entusiasmo. Mas tenho a percepção de que algo me falta do componente artístico-musical para complementar minha atuação em sala de aula.

Portanto, essa busca contínua por conhecimentos e formação no campo da música ao longo desses anos de experiência objetiva inseri-la de modo mais efetivo e apropriado na minha prática docente e perceber as contribuições que seu uso poderá incidir na educação das crianças.

Além desta preocupação, percebo um caminho de buscar a formação pela literatura, entre o que está ou já foi discutido, pretendo perceber como ela pode corroborar na minha formação-ação em sala de aula, ou ainda compreender como a literatura tem contribuído com as práticas musicais de pedagogos que atuam nos anos iniciais. Com isso, entender como, ao observar a minha ação na sala com práticas musicais por conta da minha pesquisa formação eu me formo com a minha pesquisa. Espero registrar o que venho planejando e praticando até então em minhas aulas com música e como a minha formação com a pesquisa neste diálogo com a literatura tem trazido reflexões, proposições e novos direcionamentos.

Cabe aqui uma breve observação em relação ao que se pede ao professor no Currículo ou como trabalhar com a música em sala de aula, mas não será aprofundada neste estudo a questão do conteúdo previsto nos documentos norteadores da educação básica e se este é adequado ou suficiente aos estudantes.

Um dos primeiros pontos sobre a responsabilidade do professor pedagogo em relação às Artes, conforme discutido por Figueiredo (2017), é que na pauta da polivalência do professor de artes, encontra-se o obstáculo em se capacitar adequadamente um profissional em quatro áreas distintas, a saber, artes visuais, cênicas, música e dança, no tempo de duração de um curso de graduação "...para que este profissional seja competente do ponto de vista artístico e também esteja preparado pedagogicamente para lidar com o ensino de cada uma das áreas artísticas na escola." (FIGUEIREDO, 2017, p.4). Tendo isso, abre um espaço para se falar sobre o curso de pedagogia, que apresenta em sua grade curricular uma oferta pequena e ao que tudo indica, não satisfatória, no currículo obrigatório referente à metodologia de ensino de artes, assim como o profissional formado.

Em Brasília/DF, local da presente pesquisa, dentre as chamadas Escolas de Natureza Especial, existem as Escolas Parque que ofertam ensino de Artes e Educação Física por professores especialistas nestas áreas no contraturno da escola regular. Porém, nem todas as escolas da Secretaria de Educação do Distrito Federal são contempladas nesta oferta, como é o caso da Escola Classe que trabalho atualmente, a qual atende turmas do 1º ao 5º ano. Sendo assim, o professor pedagogo tem como atribuição as linguagens e disciplinas previstas no Currículo que orientam a prática pedagógica, incluindo as áreas citadas.

Posso então citar alguns marcos na lei e nos documentos norteadores da educação básica ao que diz respeito à música e sua presença nos espaços escolares, os quais impactam pontualmente nos profissionais que irão direcioná-las em sala e nos estudantes que estarão expostos aos conteúdos e formas apresentados a eles.

A obrigatoriedade da música como conteúdo é apresentada na Lei nº 11.769 (BRASIL, 2008), de 18 de agosto de 2008, embora de caráter não exclusivo. Em 2016, a alteração na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 é de que a música deve ser ministrada dentro do componente curricular de arte, composto pelas linguagens de artes visuais, dança, música e teatro, de acordo com a Lei nº 13.278 (BRASIL, 2016).

Isso pode significar uma grande perda para a educação brasileira, incidindo direta e indiretamente na formação dos estudantes, sendo essas questões discutidas por muitos profissionais da Pedagogia ou de Educação Musical. Podemos ver, por exemplo, com Alves, Kebach e Moreira (2020) que a Educação Musical tende a ficar em segundo plano nos ambientes escolares, sendo muitas vezes “lembrados” prioritariamente nas datas comemorativas ou festas promovidas pela escola, “utilizando-a apenas como recurso para se desenvolver outros conteúdos”. Acrescento aqui a percepção de elementos que contemplam a música como meio para se “chegar a tal lugar”, por exemplo, cantar a música para anunciar o final de uma atividade e início do lanche, ou para guardar os brinquedos ou o fim do parque, para acalmar e chamar atenção do grupo, aprender as letras, sequências ou um conteúdo.

Ao perceber o poder da música na prática, como algo que atinge e cativa as pessoas, penso na minha aula e em como eu posso e devo incluir a música de modo a captar a atenção e promover uma aula interessante e produtiva. Além disso, usar a música não apenas como uma ferramenta ou um meio para se atingir outro objetivo, mas ela e seu conteúdo como a aprendizagem em si.

Em uma impressão geral, ao planejar as aulas e os conteúdos a serem trabalhados, há uma tendência a priorizar algumas disciplinas. Na alfabetização, aprender as letras, seus nomes e sons, a ler, a escrever, a interpretar e compreender. Português e matemática são as áreas que aparecem em destaque e que se conversam com todas as outras o tempo todo visto que estamos falando neste momento do BIA, bloco inicial de alfabetização. Ao juntar outros desafios como salas numerosas e que contemplam uma diversidade de níveis de hipóteses de

escrita, de comportamentos e ritmos de aprendizagem, não raro com famílias em processo de investigação de laudos de seus filhos(as), veremos melhor a proporção e condições de muitas escolas e salas de aulas. Como disse Bondía (2002), “a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa.” (Bondía, 2002, p.4). Podemos citar aqui uma reflexão sobre experiência e vivência, “...temos de fazer um trabalho de reflexões sobre o que foi vivenciado e nomear o que foi aprendido. Todas as experiências são vivências, mas nem todas as vivências tornam-se experiências.” (JOSSO, 2009, p.137). Então continuo me perguntando como e o que fazer para significar minhas práticas musicais para e com as crianças.

Dito isso, por ser um processo sinuoso, com desafios, cobranças de resultados por todas as partes – escola, família, si mesmo – a prioridade fica a cargo de algumas disciplinas e conteúdos selecionados, em que o lúdico, a brincadeira, as saídas da sala de aula para o ambiente externo, práticas artísticas e corporais podem facilmente ficar de lado ou serem esquecidas até por alguns períodos. A pressa acaba por anular a experiência.

Revisão de literatura: um processo formativo no campo de Educação Musical

Com tudo o que foi apresentado até o momento, penso que essa busca na literatura representará um processo formativo para mim, a qual vai ampliar e fortalecer o que a formação de vida e profissional me proporcionou até aqui a respeito do campo musical e me permitir um aprofundamento e amadurecimento desta área na minha prática. Neste ponto da pesquisa que se encontra em andamento em seus passos preliminares, estão sendo feitos alguns levantamentos em bases de dados acadêmicos, como o Portal de periódicos da Capes, no Google Scholar, Scielo, banco de dissertações e teses da Capes, além de livros, artigos, dissertações e teses nas bases de dados disponíveis em Instituições de Ensino Superior específicas.

Dentre os termos inicialmente utilizados nas buscas, isolados ou combinados, estão “música no ensino fundamental”, “educação musical”, “pedagogia/pedagogia”, “pesquisa-formação”, “pesquisas narrativas”, “pesquisa (auto)biográfica”.

Ao avaliar a relevância da literatura para o meu crescimento, recorro a um texto de Nicaretta (2014), intitulado “compreender-se diante do texto: uma hermenêutica Ricoeriana

na obra de João Guimarães Rosa”, para falar da importância do texto para o desenvolvimento pessoal, em que a autora aborda este ato de compreensão de si pelo texto, com base, entre outros autores, em Paul Ricoeur, o qual “compreende que, ao confrontarmos-nos com um texto, é possível ler o mundo em que vivemos a partir do sentido evocado pelo próprio texto.” (NICARETTA, 2014, p. 45). A autora apresenta, de acordo com os pensamentos deste estudioso, que ao entrar em contato com um escrito, nos deparamos com um fenômeno, um acontecimento, uma troca. Nas palavras da autora:

Para Ricoeur, o texto é silencioso até o momento em que entra em contato com os olhos do leitor, passando aí a ter vida ativa. No entanto, cabe ao leitor estar aberto ao texto, ao diferente e ao desconhecido. Somente saindo do seu mundo para perder-se no mundo do texto é que o leitor poderá encontrar seu “eu” em nível diferente daquele que conhecia. (NICARETTA, 2014, p. 48).

Existem oportunidades que podem ser proporcionadas neste contato com os escritos do outro chegando em um processo formativo e transformador do sujeito, mas desde que ele intencione isto, ou seja, esteja aberto às possibilidades que se apresentam para se formar e construir a si. Isso pode ser aclarado com os estudos de Abreu (2022, p. 9) que embasa suas pesquisas musicobiográficas em autores como Paul Ricoeur, o qual diz, “ao estar diante do texto de outrem, o autor faz uma leitura de que compreender é compreender-se diante do texto” (RICOEUR, 2008, p. 63).

Em outro estudo, a autora se ancora no mesmo autor ao dizer que “a mediação operada pelo texto conduz o leitor à apropriação de uma proposição de mundo decorrente do encontro face-a-face com o mundo da obra” (ABREU, 2020, p. 257). Isso significa que “não repousa sobre o texto em si e sua capacidade finita de compreender, mas o sujeito, ao expor-se ao texto recebe dele um si mais amplo [...]” (ABREU, 2020, p. 257).

Espero, com esta revisão de literatura, tanto quanto com a escrita do memorial formativo, uma compreensão de mim e do outro por meio de um processo reflexivo sobre a educação musical na prática pelo professor pedagogo.

Este processo de revisão de literatura e seus resultados, que se encontram em andamento, serão abordados em profundidade em outro artigo. O intuito foi mostrar um pouco do caminho que se começa a trilhar neste estudo.

Metodologia

Cada um tem a sua história. O ambiente, referências, possibilidades, oportunidades, vivências, experiências e preferências que te “moldam” para você se tornar o que é e buscar os caminhos que te identificam – ou se identificam com você.

O estudo trata-se de uma pesquisa que utilizará a abordagem narrativa (auto)biográfica relacionada com a pesquisa-formação, no âmbito da pesquisa qualitativa em Educação (PASSEGGI, 2020), que objetiva olhar e perceber a minha história de vida e práticas com a educação entrelaçadas à música.

Ao consultar o texto de Passeggi (2020), temos acesso a um resgate histórico da presença das abordagens narrativas no Brasil desde o início da década de 90, sendo que ali tenho a possibilidade de encontrar com clareza nas três vertentes apresentadas – das histórias de vida em formação, da pesquisa biográfica em educação e da pesquisa (auto)biográfica – a que considero mais adequada para este estudo, a pesquisa (auto)biográfica. Sobre essas abordagens:

O foco da primeira recai sobre a formação (histórias de vida em formação), o da segunda sobre a educação (pesquisa biográfica em educação), o foco da terceira é duplo: introduz o (auto) para sinalizar a presença da subjetividade em pesquisa e omite formação e educação, deixando o campo aberto para ambas (PASSEGGI, 2020, p. 61).

Esta abordagem narrativa (auto)biográfica, conforme nos apresenta Passeggi (2020) surge no Brasil em 2004 na I CIPA que aconteceu no sul do país, contando com a contribuição de pesquisadores de várias partes do mundo. A autora conta que em um encontro por acaso com Nóvoa, o qual é pioneiro no uso do termo *(auto)* entre parênteses, “O (auto)biográfico é utilizado pela primeira vez no livro de António Nóvoa e Matthias Finger (2014) e aparece sempre associado a método: “O método (auto)biográfico e a formação”. (PASSEGGI, 2020, p.65). Nesta ocasião, o pesquisador esclarece que:

A intenção, em 1988, do (auto) devia-se ao aspecto subjetivo que o método biográfico adquiria em educação, ausente em sociologia. Os parênteses podiam também sinalizar que a subjetividade não era vista na perspectiva intimista do eu, uma vez que o foco do método estaria nas aprendizagens, no conhecimento de si e do outro e na transformação individual de quem se forma (PASSEGGI, 2020, p. 65).

Edla Eggert e Lúcia Maria Vaz Peres entrevistaram Marie Christine Josso em sua vinda ao Brasil em 2008, em que podemos extrair aspectos da pesquisa-formação, a qual se propõe aqui, bem como processos de formação e abordagem biográfica. “A dimensão do ser humano é a primeira dimensão a ser estudada, quer seja o sujeito da pesquisa, quer seja o sujeito pesquisado.” (JOSSO, 2008, p.18). Isso conversa com a pretensão do memorial formativo que se propõe neste estudo junto da literatura no campo da educação musical, considerando minha história e minha subjetividade.

Algumas considerações

Expostas minhas intenções com esse estudo e os singelos passos que a escrita desta comunicação apresenta, considero relevante para a área da educação encontrar espaços de pesquisa e debates sobre o assunto da presença do componente curricular música nos anos iniciais do ensino fundamental pelo professor pedagogo, a fim de amadurecer e fortalecer ideias, discussões e conhecimento que irão incidir na formação dos estudantes ao longo de suas vidas.

No caso apresentado, a busca pela formação continuada, os conhecimentos e interesse pela área serão ampliados e preenchidos pela formação que a literatura da área de educação musical poderá contribuir na prática desta professora pedagoga. Assim, tomo aqui nos construtos de Abreu (2020, p. 257) com os estudos de Delory-Momberger (2014, p. 58) que caberá a mim como professora pedagoga dos anos iniciais e que busca ampliar a formação com a pesquisa de que esse encontro com a literatura se constituirá como a minha “bioteca”, ou seja, “um conjunto das experiências e dos saberes biográficos” em diálogo com a literatura, “integrados à minha própria construção musicobiográfica” como professora que busca formação continuada para atuar com música nos anos iniciais.

Que este seja uma nova continuação de busca por conhecimento para mim e para o campo investigativo e prático da educação. Sigo nesta constante procura por formação e sinto a necessidade de me formar diante das faltas que me apresentam, sobretudo nos cursos de formação inicial de pedagogia e nas exigências que nos são atribuídas pelos documentos básicos do ensino fundamental. Que este seja mais um espaço para abordar e levar este tema adiante.

Referências

ABREU, Delmary Vasconcelos. A musicobiografização como intriga narrativa: um ensaio teórico entre pesquisa (auto)biográfica e educação musical. *Orfeu*, v. 7, n. 4, p. 2-22, abr. 2022.

ABREU, Delmary Vasconcelos. História de vida de uma intelectual brasileira: Jusamara Souza e seus desafios epistemológicos com a educação musical. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 5, n. 13, p. 243-260, jan./abr. 2020.

ALVES, André Luciano; KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem; MOREIRA, Israel Gonçalves. A música nos anos iniciais do ensino fundamental. *Revista Debates em Educação* v. 12, n.26, jan./abr. 2020

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 09/07/2023.

BRASIL. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. *Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 159, 19 ago. 2008. Seção 1, p. 1. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm#art1> Acesso em: 09/07/2023.

BRASIL. Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. *Altera o parágrafo 6º do artigo 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 maio 2016. Seção 1, p. 1. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm#ART1> Acesso em: 09/07/2023.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto*. Tradução e Revisão Científica de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. 2. ed. Natal: EdUFRN, 2014.

EGGERT, Edla; PERES, Lúcia Maria Vaz. Conversando com Josso: encontros Autoformadores. *Cadernos de Educação*. FaE/PPGE/UFPEL, Pelotas [30]: 15 - 24, janeiro/junho 2008.

FIGUEIREDO, S. L Ferreira de. A música e as artes na formação do pedagogo: polivalência ou interdisciplinaridade? *Revista FAEBA*, v. 26, n. 48, p. 79-96, jan./abr. 2017.

JOSSO, Marie-Christine. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. *Revista @mbienteeducação*, v. 2, n. 2, p. 136-199, ago./dez. 2009.

NICARETTA, Andréia. Compreender-se diante do texto: uma hermenêutica Ricoeriana na obra de João Guimarães Rosa. *Anais do Salão de Pesquisa da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, v. 13, 2014, p. 45-55.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Abordagens Narrativas na Pesquisa Educacional Brasileira. *Revista Paradigma* (Edición Cuadragésimo Aniversario: 1980-2020), v. XLI, junio de 2020/p.57-79.

RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e Ideologias*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.